

2 Pedro

Os privilégios do cristão

Em nosso último encontro estivemos meditando sobre o tema: **Conhecendo a Cristo**. Sou um eterno perdido no que se refere a caminhos. O que seria de mim sem o GPS? O mundo natural reflete o mundo espiritual e da mesma maneira temos que conhecer as armas de nossa batalha, que são espirituais e não naturais.

Sem esse conhecimento, como eu nos caminhos, ficaremos perdidos.

2 Pedro 1:2 Graça e paz vos sejam abundantemente concedidas, no pleno conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor.

Será que esse conhecimento vem apenas pelo estudo, ou dedicação? Esses são apenas os ingredientes que a nós cabem. O que é mais importante é o foco do nosso conhecimento, a quem devemos conhecer e quem nos guia nesse processo. O foco é Jesus Cristo. Quem nos deve guiar nesse processo é o Espírito Santo, através de Sua Palavra. Nesse caminho não há perda e também confusão.

Os privilégios do cristão - Abra a Palavra de Deus...

A transição do versículo anterior (v. 2) para esses dois versículos é abrupta.

A palavra conhecimento dá continuidade à passagem, mas a construção do versículo 3 causa um rompimento com a saudação.

2 Pedro 1:3 Visto que, pelo seu divino poder, nos deu todas as condições necessárias para a vida e para a piedade, mediante o conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude.

Pedro inicia o escrito com exortações graves e abrangentes.

Nossa vida cristã não se processa simplesmente de forma automática, pelo contrário, requer-se para ela nosso engajamento decisivo (v. 10). Mas mesmo ao exortar, Pedro é “cristão” e não “legalista”, partindo das dádivas espontâneas e generosas de Deus.

Para “nos deu” consta no grego uma palavra que designa a plena liberdade da doação divina, ou seja, ninguém fez por merecer. Recebemos tudo de Deus, de forma gratuita.

As palavras “poder divino” descrevem “o ser de Deus e tudo o que pertence a Ele”.

São um exemplo do gosto que os hebreus tinham pelo uso de uma expressão para evitar mencionar o nome de Deus. (D’us).

Nesse processo a intenção de Deus é muito maior do que conceder uma série de bens terrenos. Sem dúvida o presentear de Deus serve à nossa “vida”, mas uma vida divina que se revela como devoção. Devoção não tem nada a ver com “ser beato”. (padrão) Ele quer que vivamos em harmonia com sua palavra ao honrá-lo, amá-lo e servi-lo.

A vida eterna não é um ideal que se torna realidade quando deixamos este mundo. Pelo contrário, temos a vida eterna no exercício diário de viver para Deus e para nosso próximo. Ao obedecer à vontade de Deus em nossa vida, praticamos a piedade e somos possuidores da vida eterna.

Conhecer realmente a Deus, honrar e amar a Deus, estar disponível para Deus, isso também constitui a verdadeira “vida” que já nos foi preparada na criação (Gn 1.27).

Para isso Deus nos presenteia ricamente com tudo o que contribui para ela.

Não nos falta nada do que necessitamos. Uma vida assim não se resume a um ideal distante, mas temos o privilégio de realmente possuí-la. Isso é “evangelho”.

Por sua natureza, porém, ela não pode ser passada a nós como uma propriedade formal. Cada um de nós precisa abraçá-la de maneira muito pessoal através do conhecimento daquele que nos chamou através de sua própria glória e eficiência. Novamente Pedro emprega a palavra conhecimento. Certamente porque toda a nossa propriedade interior chega ao nosso coração somente pela via do “conhecer”. Provavelmente Pedro quisesse precaver os ouvintes mais uma vez diante do “gnosticismo”.

Também nós temos “conhecimento”, e também para nós ele é fundamental.

Mas não se trata daquele “conhecer” falso, com o qual o ser humano tenta se apoderar de Deus em todo tipo de sistemas intelectuais e especulações.

Pedro “faz de Deus o autor desse conhecimento, pois não vamos até ele exceto quando somos chamados”. Deus nos chamou à salvação por meio de Cristo

Aquele que chama, capacita, mas não necessariamente nos dá tudo quanto talvez queiramos, mas, sim, tudo quanto precisamos para uma vida plena nEle.

Em total contraste com isso, o conhecimento genuíno de Deus não está fundamentado sobre o esforço do ser humano, mas sobre o chamado de Deus, que da eternidade penetra em nossa vida, procurando, acertando e atraindo-nos para si.

Somos capazes de observar a glória com nossos olhos (Jo 1.14) e ficamos cientes da virtude (glorificação) com nossa mente e coração. Assim, Deus revela seu ser essencial por meio da glória visível e demonstra sua virtude em seus atos.

Então se revela ao ser humano a própria glória e eficiência de Deus. Ou seja, não se trata da “eficiência” do ser humano em qualquer “disposição religiosa”, de um “esforço contínuo”, mas exclusivamente da eficiência de Deus. Em consonância com sua natureza divina, a eficiência de Deus é algo muito diferente da nossa.

Por meio dela ele realiza milagres, sobretudo o milagre de conduzir pessoas da perdição e morte (v. 4) à vida verdadeira.

2 Pedro 1:4 Por elas nos foram dadas as maiores e mais valiosas promessas, para que por elas participeis da natureza divina, e escapeis da corrupção que prevalece no mundo como resultado da concupiscência.

É precisamente por meio dessa glória e perfeição que o verso 4 acontece. Por natureza todos nós somos reféns da perdição, que existe no mundo por meio da concupiscência. Aqueles cujos olhos se abriram para isso, que em dores travou uma grande luta e vão contra a concupiscência, e que passou pelo sofrimento de Rm 7.14s, está ciente disso, e para ele é agora um fato maravilhoso ter escapado da perdição.

Contudo, a questão não se restringe a este “escapar”. Mas também ligado a isso – sendo simultaneamente causa e consequência – existe um ganho desconhecido: tornamo-nos participantes da natureza divina. **I Coríntios 2:9**

Aqui de fato nos deparamos com preciosas promessas.

Devemos ter parte na própria vida santa de Deus e isso se concretiza pela habitação do Espírito Santo em nós. É assim que pessoas antes opostas a Deus e reféns da perdição se tornam “santas” (1 Co 1.2).

Mais uma vez ocorre o alerta às afirmações gnósticas e se mostra às igrejas de forma encorajadora em sua confrontação, que aquilo que as fábulas tentam dar por seus próprios métodos, nós já possuímos a partir de Deus e em uma realidade bem diferente. Os falsos mestres enfatizavam o conhecimento; Pedro, portanto, ressalta que o objeto do conhecimento na vida cristã é o Senhor que chama os homens.

Semelhantemente os fariseus afirmavam que as pessoas escapavam aos laços da corrupção ao tornarem-se participantes da guarda da lei.

Pedro afirma que ainda haveremos de nos tornar participantes da natureza divina (Já e ainda não), para que tenhamos o cuidado de dirigir sempre nosso olhar para as preciosas e grandes promessas de toda a Bíblia. Com toda a certeza as grandes promessas de Deus valem também para nossa vida atual, porque salvos por Jesus Cristo escapamos desde já da perdição no mundo (1Ts 1.10), sob a condição de que obedeçamos constantemente à exortação “Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas” (1Tm 6.11; 2Tm 2.22). Teremos “escapado” definitivamente apenas depois de chegar ao alvo eterno. Contudo a participação na natureza divina começa logo que Cristo está em nós e “vive em mim” (Jo 17.23; Gl 2.20) e nós somos “santos” e membros do corpo de Cristo. Contudo isso será fragmentário e imperfeito até o momento em que “seremos iguais a ele”, quando “o veremos como ele é” (1Jo 3.2; Rm 8.29). Realmente, essas são “preciosas e grandes promessas” que nos mostram um futuro indescritivelmente maravilhoso. Pedro realça tanto essa conotação escatológica desde o início porque havia uma certa dúvida quanto à esperança futura ter penetrado nas igrejas.